SJ020: Lira grega: Antologia de poesia arcaica

* **Título:** *Lira grega: Antologia de poesia arcaica*
* **Autor:** Giuliana Ragusa (org.)
* **Linha fina:** *Lira grega* é um trabalho de suma importância para a compreensão do nascimento e desenvolvimento da poesia ocidental. Trata-se de um esforço inédito em língua portuguesa, que vem preencher uma importante lacuna nos estudos e na fruição da poesia da Grécia antiga
* **Coleção:** Hedra Edições
* **Nacionalidade:** Grega
* **Copyright:** Domínio público. Os direitos contratados se referem apenas à organização e tradução de Giuliana Ragusa
* **Categoria:** Poesia
  + **BISAC:** [POE001000] Antologias (Vários Autores); [POE008000] Antiga e Clássica
  + **Thema:** [DCA] Poesia clássica e anteriores ao século XX; [DCQ] Antologias poéticas (vários poetas)
* **Escola:** Poesia antiga
* **Assunto:** Poesia; Poesia lírica; Lírica; Poesia clássica; Antiguidade; Antologia
* **Organização e tradução:** Giuliana Ragusa
* **Edição:** Bruno Costa
* **Assistência editorial:** Bruno Oliveira
* **Revisão:** Bruno Costa e Giuliana Ragusa
* **Preparação e revisão técnica:** Beatriz di Paoli e Ana Cecília Agua de Melo
* **Capa:** Lucas Kröeff
* **Número de páginas:** 448
* **Dimensão:** 13,3 x 21 cm
* **ISBN:** 978-85-7715-987-1
* **Data de entrega de arquivos:** 22 de março de 2024
* **Sobre o livro:** Lira grega reúne, em traduções diretas e inéditas, os nove mais importantes poetas gregos do Período Arcaico (sécs. IX-VI a. C.), dentre os quais Alceu, Safo, Anacreonte e Píndaro. Esta edição bilíngue faz uma seleção de alguns de seus fragmentos e poemas mélicos, hoje conhecidos como líricos, que eram, na verdade, canções, acompanhadas por instrumentos e danças. Os textos presentes e o contexto de suas produções e performances são largamente esclarecidos pela introdução, notas biográficas e comentários sobre a tradução, a cargo de Giuliana Ragusa — prêmio Jabuti 2006 (Teoria/Crítica) e organizadora e tradutora de Hino a Afrodite e outros poemas (Hedra, 2021).
* **Sobre o autor:** Giuliana Ragusa é professora livre-docente de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas) da Universidade de São Paulo, onde ingressou como docente em 2004, tendo ali se graduado Bacharel em Letras (1999) e obtido os títulos de Mestre (2003) e Doutora (2008) em Letras Clássicas, e Livre-Docente em Literatura Grega (2019). Entre 2012-2013, fez pós-doutorado nos BUA (University of Wisconsin, Madison, Bolsa Fapesp). Dentre seus livros publicados destacam-se: Fragmentos de uma deusa: a representação de Afrodite na lírica de Safo (Editora da Unicamp, 2005), contemplado com o 2° lugar do Prêmio Jabuti de 2006, na categoria Teoria/ Crítica Literária, Lira, mito e ero-tismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica (Editora da Unicamp, 2010), e Hino a Afrodite e outros poemas (2021). Tem publicado artigos em periódicos especializados na área de Estudos Clássicos, e desenvolve projetos de pesquisa sobre a mélica grega arcaica. Atualmente, integra o Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas (FELCH-USP).
* **Trechos do livro:**
  + **Capítulo da introdução**
    - Como disse na nota a esta edição, a poesia mélica é a das composições destinadas à performance cantada em coro ou solo, com acompanhamento da lira — no caso da modalidade em coro, junto a outros instrumentos e à dança. Daí o termo “lírica” (lyrikḗ) na acepção antiga, guardando claramente a memória dessa existência na evocação da lýra, o cordófono que trago ao título desta antologia.
    - Evidencia-se que a poesia aqui traduzida, ao contrário do que ocorre hoje, não era feita para leitura — muito menos a solitária e silenciosa; ela não existia na forma do texto e — notadamente em se tratando da mélica — não era aquilo que o nome “poesia” identifica em nosso mundo, mas algo mais próximo à “canção”, embora distinto, pois se, de um lado, ainda não se tinham divorciado verso e música, de outro, tampouco tinha a música autonomia sobre as palavras. Na era arcaica e mesmo no início da clássica (c.480-323 a.C.), em que estamos em plena “cultura da canção” (song-culture, Herington, 1985, p.3) — de 800 a 400 a.C. —, a poesia, que é para nós texto, era, em todos os seus gêneros, “performance ao vivo, diante de seres humanos vivos, sob o sol” (id., p.57).
    - A escolha de “mélica” aproxima-nos, então, de nosso objeto e afasta-nos da enganosa familiaridade do nome “lírica”, de conotações modernizantes inadequadas, indutoras de não poucos equívocos acarretados por ideias como a do subjetivismo confessional e da equiparação do “eu” da composição ao “eu” empírico do poeta. Essa confusão entre as vozes e o biografismo é um problema nos antigos eruditos que comentaram os poetas.
    - Eis as distinções que podem ser pensadas, sempre de maneira flexível. A mélica monódica abarca grande variedade de temas e de tratamentos. Aqueles estão prevalentemente ancorados na contemporaneidade — o hic et nunc, o “aqui e agora” —, e articulados, de alguma forma, ao cotidiano da vida na pólis, a eventos de um passado recente ou mítico (tradicional e remoto), e a situações próprias da experiência humana, e são colocados em direta relação com a voz da persona geralmente em 1ª pessoa do singular, mas também do plural, sempre em diálogo com um “tu” ou “vós”. A mélica que sabemos ser coral, a molpḗ por excelência, é, por outro lado, menos variada na temática e em seus tratamentos; nela se sobressaem o tom de celebração, o largo uso da narrativa mítica e a autorreferencialidade à ou autodramatização da performance pelo coro, o que explica a importância da dêixis nas composições. Ou seja: a matéria da canção coral se constrói sobre três alicerces: o passado mítico, a ocasião de performance e a atuação do coro.
  + **Capítulo do texto**
    - **Alceu—Fragmento 10**

 A mim, mísera, a mim, de todos os males

 partilhando ... casa (?)...

 ... destino odioso ...

 pois me sobrevém ferida incurável,

 e o ventre do cervo no peito cresce

 temeroso, enlouquecendo ...

 ... com obsessões ...

* **Alceu—Fragmento 45**

 Ó Hebro, o mais belo dos rios, junto a Eno

 te lanças ao mar purpúreo,

 precipitando-te pela terra trácia

...

... e muitas virgens te frequentam...

... e das coxas, com tenras mãos,...

... encantam-se... como unguento

 tua divina água...

* **Safo—Fragmento 55**

Morta jazerás, nem memória

de ti haverá, nem desejo, pois não partilhas das

rosas

de Piéria; mas invisível na casa de Hades

vaguearás, esvoaçada entre vagos corpos.

* **Safo—Fragmento 114**

(noiva) — "Virgindade, virgindade, aonde vais, me abandonando?"

(virgindade) — "Nunca mais a ti voltarei, nunca mais voltarei ..."

* **Anacreonte—Fragmento 360**

Ó menino de olhar virginal,

busco-te, mas tu não ouves,

não sabendo que deténs as rédeas

de meu ânimo.

* **Anacreonte—Fragmento 376**

... de novo, após a escalar, da rocha de Lêucade

mergulho na plúmbea vaga, ébrio de desejo.

* **Contém imagens:** Não
* **Tiragem:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Data de lançamento:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)
* **Imprensa:** (Sem previsão; Aguardando Mayara)